



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
LICENCIATURA EM LETRAS**

EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

**MARCADORES DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS DE
CABO VERDE: UMA DESCRIÇÃO PRELIMINAR**

**São Francisco do Conde
2018**

EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

**MARCADORES DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS DE
CABO VERDE: UMA DESCRIÇÃO PRELIMINAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

**São Francisco do Conde
2018**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

V555m

Veloso, Emilly Sampaio Silva.

Marcadores discursivos no Português de Cabo Verde : uma descrição preliminar / Emilly Sampaio Silva Veloso. - 2018.

56 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

1. Língua portuguesa - Africanismos. 2. Língua portuguesa - Marcadores discursivos - Cabo Verde. 3. Linguística - Cabo Verde. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 469.79665

EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

**MARCADORES DISCURSIVOS NO PORTUGUÊS DE CABO
VERDE: UMA DESCRIÇÃO PRELIMINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em 30 de outubro de 2018.

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (orientador)
Doutor em Letras – Universidade de São Paulo (USP)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Malês)

Prof^a. Dr^a. Lavínia Rodrigues de Jesus
Doutora em Linguística – Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Malês)

Prof^a. Dr^a. Wânia Miranda Araújo da Silva
Doutora em Linguística – Universidade de São Paulo (USP)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Malês)

Dedico este trabalho em memória de Clarice Maria (minha avó).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado força durante essa longa jornada. Por várias vezes achei que não iria conseguir. Gostaria de agradecer também a todos que me ajudaram direta e indiretamente na minha trajetória, pois sei que sem eles nada disso seria possível.

Aos meus pais, Edilson e Marisa, que apesar da pequena distância entre as cidades me confiaram a viver essa experiência acadêmica, me apoiando em tudo que fosse necessário.

Ao meu irmão Elson, que estava contra a minha ida a uma universidade distante, mas logo depois mudou de ideia.

A minha avó (minha velha) Clarice, o maior amor da minha vida, que se foi do nada, antes de tanta coisa, e levando muitas coisas, seria tão bom se estivesse aqui.

Aos meus avós, Vanda e Miguel por existirem e estarem presentes na minha vida.

Ao meu namorado Emanuel, por ter literalmente ficado ao meu lado desde o início da construção desse trabalho, obrigada por ter rido do meu choro e me falar o tempo todo que sou capaz.

As minhas amigas (meninas que moram comigo), Sara e Rafaela por terem paciência comigo nos meus períodos de estresses, me falando sempre que tudo vai dar certo.

A todos os amigos que fiz durante esse período acadêmico.

Ao meu orientador Eduardo, que desde sua primeira aula já sabia que ele seria meu orientador. Obrigada por ter tido coragem de me orientar, pela enorme paciência e por sempre estar presente.

Ao professor Fernando por ter me auxiliado na viagem a Cabo Verde.

Ao professor e diretor Casimiro por ter me ajudado e me acolhido na Escola Secundária Luciano Garcia. A todos os professores dessa mesma escola, em especial as professoras Adelize Freire e Anabela Moreno por ter cedido as suas aulas para que pudesse iniciar um contato com os alunos.

Às professoras Lavínia e Wânia por aceitarem fazer parte de minha banca final de avaliação.

Ao professor Luís Rodrigues por ter me ajudado a estabelecer contato com o Liceu Amílcar Cabral.

A todos os alunos que entrevistei, tanto da Escola Luciano Garcia, como do Liceu

Amílcar Cabral, sem eles não seria possível a construção desse trabalho.

A minha família caboverdiana pelo apoio durante a minha viagem

À vovó pelo carinho, sabedoria e tranquilidade;

À dona Maria Emília, por ser um exemplo de mulher, avó, mãe e filha;

À Edmara, ao Wiliam, à Lia e à Lizete que alegravam meus dias, me fazendo rir nos simples detalhes do dia a dia;

A Nadine por ser uma mulher incrível.

Obrigada a todos!

RESUMO

Nosso trabalho teve como objetivo descrever alguns marcadores discursivos (MDs) encontrados no português falado em Cabo Verde a partir da recolha de entrevistas de um grupo de alunos de duas instituições de ensino caboverdianas realizadas em uma viagem de campo ao país, especificamente, à Ilha de Santiago. Tomamos os MDs como termos que desempenham a função de construir o enunciado em um contexto cognitivo e interpessoal, auxiliando na concretização do discurso e destacando o que está implícito e explícito no texto oral e/ou escrito. A partir de uma revisão bibliográfica teórica de alguns autores que trabalham com os MDs do português brasileiro, fizemos um recorte de alguns MDs presentes no português falado em Cabo Verde, como “agora”, “bom”, “aí”, “ah”, “ahn”, “né” e “eh” ratificamos que esses marcadores podem desempenhar a função de sequenciadores, conforme aponta Risso (2015) ou podem apontar para uma função interacional nos termos de Urbano (2015).

Palavras-Chave: Língua portuguesa - Africanismos. Língua portuguesa - Marcadores discursivos - Cabo Verde. Linguística - Cabo Verde.

ABSTRACT

Our work aimed to describe some discursive markers (DM) found in portuguese language spoken in Cape Verde and recorded from interviews of a group of students by two cape verdean teaching institutions. These interviews were recorded on a field research in the country, specifically the Island of Santiago. We consider the DM as terms that perform the function of constructing the utterance in a cognitive and interpersonal context, assisting in the achievement of the discourse and highlighting what is implicit and explicit in the oral and/or written texts. Based on a theoretical bibliographic review of some authors who work with the Brazilian Portuguese MDs, we have choosen some MDs present in cape verdean portuguese spoken such as "agora", "bom", "aí", "ah" "ahn", "né" and "eh". We ratify that these markers assume the function of sequencers, according to Risso (2015) or may point to an interactive function in terms of Urban (2015).

Keywords: Linguistics - Cape Verde. Portuguese language - Africanisms. Portuguese language - Discursive markers - Cape Verde.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Forte São Felipe.....	3
Figura 2 - Mapa de Cabo Verde.....	4
Figura 3 - Liceu Amílcar Cabral, Assomada.....	14
Figura 4 – Mapa da ilha de Santiago com as duas regiões da pesquisa de campo.....	15
Figura 5 - Hillux, transporte público muito utilizado no interior da ilha de Santiago...	16
Figura 6 – Liceu Amílcar Cabral, Assomada.....	19
Figura 7 - Liceu Amílcar Cabral, Assomada.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INE – Instituto Nacional das Estatísticas

CEI – Casa dos Estudantes do Império

PAIGC – Partido Africano da Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde

PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo Verde

LCV – Língua caboverdiana

PCV – Português caboverdiano

ALUPEC – Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano

CCV – Crioulo de Cabo Verde

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

CEIÁFRICA – Centro de Estudos Africanos e Orientais

UNISANTIAGO – Universidade de Santiago

MDs – Marcadores discursivos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	1
2	CAPÍTULO I - ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS E LINGÜÍSTICOS DE CABO VERDE	3
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA.....	3
2.2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL.....	4
2.2.1	A CHEGADA DOS PORTUGUESES.....	4
2.3	SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ARQUIPÉLAGO.....	9
2.4	LÍNGUA CABOVERDIANA (KRIOL KABUVERDIANU)	10
2.5	O PORTUGUÊS CABOVERDIANO	12
3	CAPÍTULO II – PESQUISA DE CAMPO E METODOLOGIA.....	14
3.1	PESQUISA DE CAMPO.....	14
3.2	COLETA E TRANSCRIÇÃO DE DADOS.....	17
3.3	DELIMITAÇÃO DOS DADOS.....	18
4	CAPÍTULO III - MARCADORES DISCURSIVOS – RETOMADA DA LITERATURA	19
4.1	OS MARCADORES DISCURSIVOS.....	19
4.2	CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DOS MDS.....	20
4.3	ABORDAGENS SOBRE OS MDS.....	22
4.4	OS MDS E A NORMA PADRÃO.....	24
5	CAPÍTULO IV - MARCADORES DISCURSIVOS EM CABO VERDE – DESCRIÇÃO PRELIMINAR	26
5.1	MDS EM CABO VERDE.....	26
5.2	OS MARCADORES “AGORA”, “BOM”, “AÍ”, “AH”, “AHN”, “NÉ?”, “EH”	27
5.2.1	O MARCADOR “AGORA”.....	28
5.2.2	O MARCADOR “BOM”	29
5.2.3	O MARCADOR “AÍ”.....	29
5.2.4	O MARCADOR “AH”	30
5.2.5	O MARCADOR “AHN”.....	31
5.2.6	O MARCADOR “NÉ”	31
5.2.7	O MARCADOR “EH”	32

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXO.....	37

1 INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos (doravante MDs) são estruturas responsáveis por facilitar o discurso tanto oral, como escrito dos interlocutores, podendo exercer a função de conectores como gerenciadores da conversação.

Geralmente os estudos sobre os marcadores são complexos, não existindo um consenso quanto a sua caracterização, função ou denominação, sendo, muitas vezes, alvos de preconceito linguístico e/ou não considerados na gramática normativa.

De acordo com Penhavel (2012), as diferentes perspectivas de estudos sobre os MDs podem ser consideradas positiva e negativa. Positiva, pois amplia os estudos com os mais diversificados pontos de vista; e negativa, pois existe um número variado de conceituações, o que acaba dificultando o trabalho com os MDs.

O presente estudo trata-se de uma pesquisa sobre a análise dos marcadores no português caboverdiano, mais especificamente no discurso oral, recolhido na ilha de Santiago em duas instituições de ensino médio (Escola Secundária Luciano Garcia e Liceu Amílcar Cabral).

Pretendemos nesse trabalho mapear e caracterizar os MDs encontrados nos discursos dos alunos entrevistados, analisando como eles poderiam ser enquadrados nas diferentes abordagens trazida por Penhavel (2012), Batista (2014), Freitag (2007), Risso (2015) e Urbano (2015).

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa baseia-se essencialmente em estudos bibliográficos sobre a temática em questão. Por outro lado, realizou-se a pesquisa de campo recolhendo depoimentos orais gravados e, posteriormente, foi realizada a transcrição dessas entrevistas e a análise dos MDs encontrados.

Esse trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo faremos uma breve caracterização histórica, social e linguística de Cabo Verde, no sentido de situar o leitor relativamente ao campo de pesquisa e como o contexto social local influência no português caboverdiano.

No segundo capítulo, iremos realizar uma descrição detalhada sobre a pesquisa de campo e o método de recolha de dados utilizado na pesquisa. No terceiro capítulo pretendemos fazer uma abordagem teórica e conceitual sobre os marcadores discursivos, baseando principalmente nos trabalhos de Freitag (2007), Penhavel (2012), Batista (2014) e Risso (2015).

No quarto e último capítulo iremos realizar uma descrição preliminar de alguns

tipos de MDs no português caboverdiano identificados na nossa pesquisa e enquadrá-los em uma das abordagens trazidas por Penhavel (2012).

Por fim será realizada uma análise sobre a pesquisa, trazendo algumas considerações e sugestões finais.

2 ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS E LINGUÍSTICOS DE CABO VERDE



Figura 1: Forte São Felipe
Acervo da autora

2.1 Contextualização Geográfica

Cabo Verde é um arquipélago situado no continente africano formado por dez ilhas atlânticas, de origem vulcânica – das quais nove são habitadas – e cinco principais ilhéus. Sua superfície aproximada é de 4.033 km² e está a cerca de 500 km da costa senegalesa.

As ilhas estão divididas em dois grupos:

- Barlavento (Sal, Boa Vista, Santa Luzia (desabitada), Santo Antão, São Vicente e São Nicolau) correspondendo ao lado por onde sopra o vento, situada ao norte;
- Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava) correspondendo o lado oposto ao que o vento sopra, situada ao sul. A ilha de Santiago é a maior do arquipélago e onde se localiza a capital do país, Cidade da Praia.

Como é ilustrado no mapa a seguir:

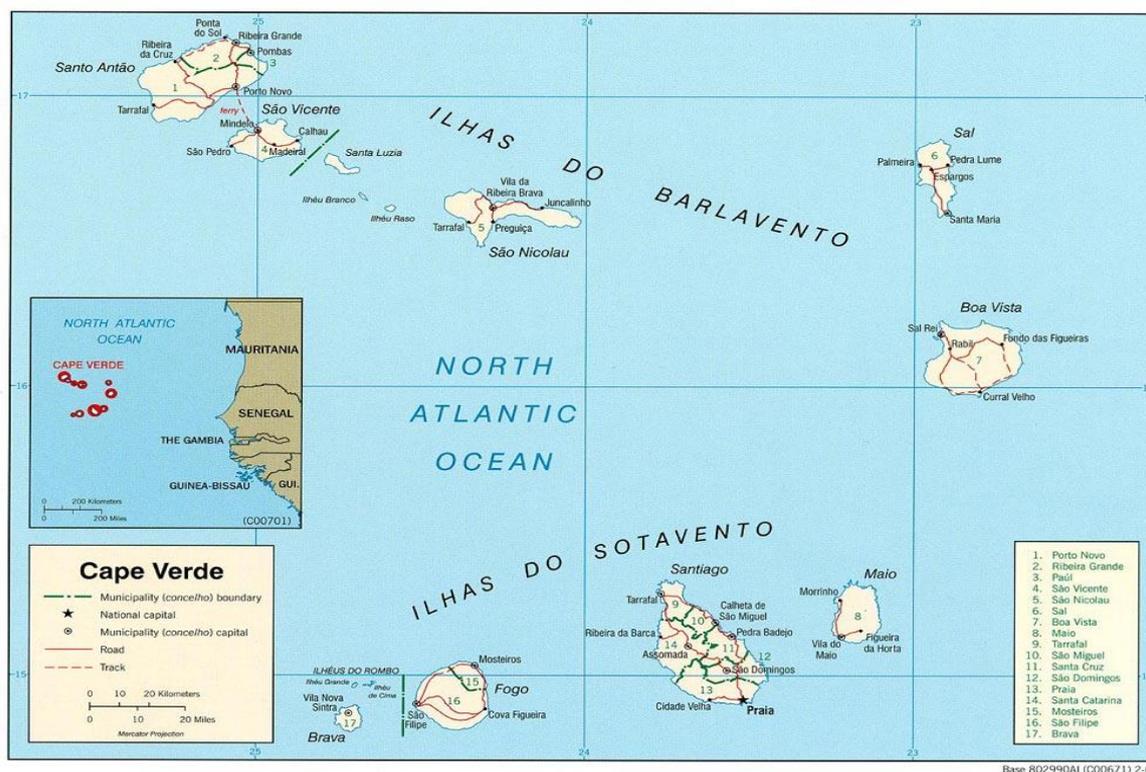


Figura 2: Mapa de Cabo Verde¹

A população local, a partir de dados de 2015, é de aproximadamente 524.833 pessoas residentes, sendo o saldo migratório com cerca de um milhão de caboverdianos na diáspora, de acordo com o Instituto Nacional das Estatísticas (INE).

Concelho	2011	2012	2013	2014	2015
Cabo Verde	499.929	505.983	512.173	518.467	524.833

Tabela 1 – População Residente em Cavo Verde (2011-2015)²

2.2 Contextualização histórico-social

2.2.1 A chegada dos portugueses

De acordo com Seibert (2014), o arquipélago de Cabo Verde era desabitado quando os portugueses desembarcaram na segunda metade do século XV. Precisamente em 1460, Antônio de Noli chegou ao arquipélago e, em 1462, D. Fernando encontrou as

¹ Fonte: <http://www.vuelosislas.com/mapas/cabo-verde.html>

² Fonte: INE – Anuário Estatístico de Cabo Verde (2015: 36).

ilhas (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau e Santa Luzia). Depois de quatro anos, através da Carta Régia de D. Afonso, as ilhas de Santiago, Fogo, Maio e Boa Vista são entregues como herança para o infante D. Fernando (HERNANDEZ, 2008: 520-521).

Para Miranda (2013: 10), “a situação geográfica da ilha, desde o primeiro momento, foi considerada favorável ao comércio escravocrata”, dentre outras razões, pela sua localização estratégica que favorecia a circulação de escravizados, não somente na costa africana, mas ligando os três continentes: europeu, africano e americano.

O povoamento do arquipélago deu início em 1462, com o processo de ocupação portuguesa na ilha de Santiago. Aproximadamente em 1510, existia uma pequena população formada por portugueses, castelhanos e genoveses, entre outros europeus. Santiago e Fogo foram as primeiras ilhas habitadas no arquipélago e continuaram sendo as únicas por muito tempo pelo fato de apresentarem melhores condições para as atividades agrícolas e criação de gado. Atentamos para o fato de a colonização da ilha do Fogo começou no final do século XV.

O processo de povoamento das ilhas contou com a presença não apenas de populações escravizadas, mas, também, com a presença de negros livres que acompanhavam os comerciantes, mercenários e capitães de navios conhecidos como *banhuuns*, *cassangas* e *brâmes*, conforme aponta Martins (2009: 20-21).

As sociedades crioulas surgiram através da mestiçagem biológica e cultural, entre homens europeus e escravas africanas. O surgimento da sociedade crioula foi em decorrência da junção entre a cultura portuguesa e as diversas culturas africanas, desse modo, ocorreu uma aculturação recíproca, "uma europeização dos africanos, bem como uma africanização dos europeus" (SEIBERT, 2014: 44).

Desse modo, tanto os africanos, como os europeus deixaram para trás hábitos e costumes, substituindo por novas identidades coletivas, identidades crioulas. No entanto, embora o território caboverdiano fosse desconhecido tanto para os portugueses como para os africanos o processo de criouliização ocorreu no contexto de desigualdade entre eles. A convivência entre europeus e escravizados africanos teve como resultado o surgimento de sociedades, de línguas crioulas e uma "nova categoria racial", os mestiços.

Hernandez (2008: 521) ressalta que nos anos de 1462 a 1647, Santiago representou para o comércio de escravizados um ponto onde era cobrado o pagamento de tributos e dízimos a Fazenda Real. Com o intuito de atrair mais colonizadores para Cabo Verde, a Coroa emitiu, em 1466, a Carta de Privilégios aos Moradores de Santiago, possibilitando que os moradores tivessem privilégios no comércio com a costa da Guiné,

incluindo uma área no Senegal até a Serra Leoa. Em 1472, outro decreto com intuito de incentivar a produção local e resgatar escravizados como mão de obra, obrigou os moradores da mesma ilha a fazerem esse tipo de comércio.

A formação da sociedade escravocrata se deu devido ao sistema europeu de controle das ilhas:

Nessa fase, as ilhas viviam praticamente dependentes dos rendimentos cobrados aos navios que faziam o comércio e tráfico na costa de África, tanto para economia interna, como para as importações, ou seja, a economia estava relacionada com a função portuária e os negócios tornaram-se cada vez mais dependentes das rotas marítimas. (MARTINS, 2009: 37)

Conforme Seibert (2014), nos dois primeiros séculos da sua colonização, a economia de Cabo Verde tinha como principal objetivo o tráfico de escravizados que foram resgatados nos Rios da Guiné e vendidos para a Europa e para as Américas. Foi através do tráfico de escravizados que as ilhas de Santiago e Fogo tiveram uma economia agropecuária diversificada, incluindo o fornecimento dos produtos de permuta e o abastecimento de navios, entre outros.

Na cidade de Ribeira Grande, na ilha de Santiago, temos um importante centro político e econômico, já que se torna o primeiro local do arquipélago em que ocorreu o povoamento e o funcionamento administrativo, concentrando um grande contingente populacional de Cabo Verde. Hernandez (2008: 523) realça que quando a ilha de Santiago perdeu a sua posição estratégica na rota de transporte dos escravizados, a vila de Ribeira Grande entrou em degradação econômica e a estrutura burocrática colonial foi direcionada para a cidade de Praia.

Os impostos pagos pelos traficantes eram uma importante fonte de renda para Santiago. A perda gradativa do monopólio do tráfico de escravizados deu início no final do século XVI e, com isso, reduziu-se significativamente a arrecadação de verbas na ilha:

O decreto de 1647 legalizou definitivamente o comércio direto entre os traficantes estabelecidos na costa da Guiné e os mercados de escravos das Américas, medida que resultou também na perda das receitas fiscais, pois os impostos já não eram pagos em Santiago, mas em Cacheu. (SEIBERT, 2014)

Desse modo a população teve uma grande perda econômica, pois não conseguia mais vender os seus produtos, sendo forçados a emigrar para o interior da ilha de Santiago. Nas ilhas de Sotavento (Santiago, Maio, Fogo e Brava), os escravizados eram mais que

um instrumento de trabalho, representavam um status de poder e riqueza de quem os possuía. No entanto, aos poucos, os escravizados passaram a se rebelar através de fugas para os espaços rurais, principalmente para as montanhas e outros lugares de difíceis acesso.

Crises econômicas e frequentes períodos de secas levaram muitos donos de escravizados a libertarem-nos e abandoná-los, devido à falta de condições financeiras. A maioria dos libertados ia para o interior da ilha de Santiago, dando início ao povoamento das outras ilhas do arquipélago.

Desde 1580 Cabo Verde passou por diversas crises de fome. Conforme Seibert (2014), no decorrer de mais de três séculos, as fomes cíclicas vitimaram milhares de caboverdianos, com um quarto da população vítima desse fato, como no período de 1773 a 1775, que vitimou entre 22.000 e 32.500 pessoas. Para dar fim a uma dessas crises, que matou grande parte da população caboverdiana, recorreu-se à venda de alguns ilhéus para comerciantes estrangeiros em troca de alimentos.

Em 1876, a abolição definitiva dos escravos foi proclamada

seguida pela tutela por dois anos, com exceção da ilha de São Vicente, onde a abolição ocorreu por Portaria Régia, em 10 de março de 1857. Porém, os efeitos perversos da escravidão contaminaram as formas de trabalho posteriores, as quais se tornaram mais definidas em fins do século XIX, compreendendo grande número de variações.” (HERNANDEZ, 2008: 524)

Mesmo após a abolição da escravatura, em 1876, as formas de trabalho que se sucederam tiveram como principal exemplo os efeitos perversos da escravidão. Segundo Hernandez (2008: 524), os contratos realizados entre trabalhador e proprietário eram feitos verbalmente deixando com que o proprietário tenha livre arbítrio em fazer alterações sem consultar o trabalhador, como trabalhar alguns dias gratuitamente.

Em decorrência da miséria presente no arquipélago, muitos caboverdianos iniciaram um processo de emigração na busca de uma vida melhor tornando-se “um fator da mudança socioeconômica em Cabo Verde, devido à articulação que se estabeleceu entre o arquipélago e o espaço atlântico” (SEIBERT, 2014: 62). Um dos primeiros destinos com maior facilidade de acesso a receber cidadãos africanos e não escravizados foram os Estados Unidos.

Durante quase cinco séculos da presença portuguesa no arquipélago, os sinais de anseios as mobilizações nacionalistas começaram a ter mais visibilidade nos meados dos

anos 40 e durante os anos 50. Em Portugal, a Casa dos Estudantes do Império (CEI) serviu como centro afetivo de reunião dos estudantes das colônias portuguesas, conhecido também com berço do nacionalismo africano, reunindo figuras como Vasco Cabral, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Luís Motta e Marcelino dos Santos, entre outros. Alguns anos mais tarde, esses personagens iriam fundar o movimento de luta anticolonial nos seus respectivos países.

O Partido Africano da Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) foi o responsável pelo movimento que organizou a luta da independência de duas colônias portuguesas, Guiné Portuguesa (que viria a ser Guiné-Bissau) e Cabo Verde. Não existe um consenso entre os pesquisadores quanto a data e o local da fundação do partido. De acordo com Hernandez (2002: 162), Amílcar Cabral (que mais tarde tornou-se o líder do partido e o grande condutor nacional), Luís Cabral, Aristides Pereira, Júlio de Almeida, Fernando Fortes e Elisée Turpin são alguns elementos que, em setembro de 1956, fundaram o movimento.

A partir de 1962, após uma reunião que ocorreu em Dakar (capital do Senegal), os caboverdianos do PAIGC iniciaram o processo de recrutamento da população com o intuito de definir as estratégias de luta pela independência do arquipélago. O PAIGC estabeleceu fronteiras entre portugueses e caboverdianos, colocando as diferenças culturais e raciais como justificativa para fator de identificação.

De acordo com Hernandez (2008: 530-531), os militantes do PAIGC evidenciavam que a pobreza, o atraso e a falta de liberdade só conseguiriam ser vencidas com a independência e a construção de uma sociedade se estabeleceria através de dois importantes elementos: a unidade e a luta. No entanto, o partido enfrentou dificuldades em ampliar o movimento entre as ilhas por causa da debilidade dos meios de comunicações e transportes que facilitariam uma política mais ampla no país.

Em 24 de setembro de 1973 ocorreu a proclamação unilateral da independência de Guiné, que passou a ser denominada Guiné-Bissau, sendo reconhecida pelo governo português em agosto de 1974. Quanto a Cabo Verde, foi proclamada sua Independência em 5 de julho de 1975, gerando uma enorme expectativa de um futuro promissor para os caboverdianos (MONIZ, 2007: 107).

Segundo Semedo (2016: 26-27), nos primeiros 15 anos após a independência, Cabo Verde e Guiné-Bissau foram governados pelo regime do partido único, lembrando que com o golpe de estado contra a liderança de Luís Cabral, ocorrido em 14 de novembro de 1980, na Guiné-Bissau, terminou o projeto de “unidade e luta”. Desse modo, Cabo

Verde passou a ser guiado pelo Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV). No início dos anos 90, ocorre a abertura política com as eleições multipartidárias e abertura política que, apesar das limitações, permitiu que as instituições do país tivessem uma trajetória sólida, no que se refere ao desenvolvimento socioeconômico e democrático.

2.3 Situação linguística no arquipélago

Após a chegada dos portugueses ao continente africano, a língua portuguesa começa a ser expandida especialmente no litoral, que era local de fácil acesso. De acordo com Sousa & Nascimento (manuscrito), um dos métodos utilizados para o aprendizado do português foi direcionar os africanos para Portugal, para que lá eles passassem pelo processo de aculturação. A expansão da língua portuguesa em suas colônias deu-se através de diversos fatores, como o contato direto com os portugueses, a religião católica e o ensino nas escolas em português.

No caso de Cabo Verde, o português apesar de ter sido a língua privilegiada e do colonizador, não teve a mesma aceitação que as demais colônias. No arquipélago ocorreu um processo denominado criouliização linguística, que surge a partir do contato dos portugueses com os escravizados africanos trazidos de diferentes regiões da costa ocidental do continente.

O caboverdiano³ (geralmente denominado de crioulo) e o português de Cabo Verde presentes no cotidiano da população fazem parte de esferas socio comunicativas demarcadas e presentes no “inconsciente/consciente coletivo do povo caboverdiano”. Segundo Lopes (2017), o cenário sociolinguístico caboverdiano é caracterizado como diglossia (bilinguismo disfuncional).

A diferença entre diglossia e bilinguismo estão atribuídas nas funções sociais. A primeira é considerada um fato social, enquanto a segunda é tida como um fenômeno de domínio individual. Não há uma unanimidade entre os estudiosos sobre o cenário sociolinguístico caboverdiano e a relação entre as duas línguas existentes no país. Sabe-se que há dois códigos linguísticos distintos entre o português caboverdiano (doravante PCV) e a língua caboverdiana (doravante LCV), e a relação dessas línguas com a sociedade caboverdiana.

³ Em consonância com a tese de Veiga (2009), Miranda (2013) reafirma o posicionamento quanto ao uso do caboverdiano sem o hífen, pois refere-se a língua materna dos caboverdianos, com isso concorda-se com o posicionamento teórico. Para um maior entendimento dessa questão, remetemos o leitor à Miranda (2013) e Veiga (2004).

Durante a pesquisa de campo foi constatado que no cotidiano da população caboverdiana raramente utiliza o português para se comunicar, conforme atestado também por Santos (2004) que teve a percepção de, com o passar dos anos, os caboverdianos utilizarem menos o português para se comunicarem. Exceção, no entanto, os lugares que exigem uma certa formalidade, a exemplo de instituições governamentais, algumas instituições de ensino ou ambientes sociais que exigem formalidades específicas e oficiais. Já a LCV é utilizada pela grande parte dos caboverdianos em todos os momentos, principalmente nas diversas atividades do dia a dia e de convívio familiar e social.

2.3.1 Língua caboverdiana (*kriol kabuverdianu*⁴)

A LCV é a língua materna, ou a primeira a ser aprendida, da maioria da população do arquipélago e falada em todas as ilhas.

A língua caboverdiana, ou crioulo de Cabo Verde, é a língua materna de todo aquele que nasce em Cabo Verde independentemente da origem étnica dos seus progenitores. É ainda o principal meio de comunicação de uma diáspora caboverdiana espalhada em três continentes: europeu, africano e americano (LOPES, 2017, p.80).

Acredita-se que o surgimento da língua caboverdiana se deu devido às condições de escravatura que a população predominante negra se encontrava na época colonial. Segundo Miranda (2013), cada ilha do arquipélago possui sua própria variedade linguística, sendo que a língua falada nas zonas rurais das ilhas possui diferenças em relação à língua falada nas zonas urbanas, não impedindo, contudo, sua intercompreensão.

O surgimento da LCV se deu como resultado da junção linguística de contextos sociais desiguais: de um lado, os colonizadores europeus, maioria portugueses, e do outro lado, em elevado número, os escravizados colonizados que foram retirados de diferentes países africanos.

Acredita-se que a língua caboverdiana⁵ é dividida em dois grupos maiores, o grupo Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava) localizada ao sul e Barlavento (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Santa Luzia, Sal e Boa Vista) localizada ao norte.

⁴ Na língua caboverdiana escreve-se *kabuverdianu* com ‘k’, mas nesse trabalho optamos por colocá-la com ‘c’.

⁵ Nessa pesquisa não iremos definir a língua caboverdiana de acordo com sua tipologia, descrição linguísticas, entre outros aspectos, pois não é o foco do nosso trabalho.

Segundo Lima (2007: 14), grande parte das línguas denominadas crioulas possuem características semelhantes, como a oralidade, ou seja, sem tradição escrita padronizadas, além de não serem as línguas oficiais nos países em que são faladas e na maioria desses países assumem a função de língua materna. Assim, a língua portuguesa assume em Cabo Verde e em outras colônias portuguesas o papel de língua oficial, normalmente tomada como língua de prestígio por facilitar o acesso a cargos administrativos, diferentemente da língua caboverdiana e das demais línguas nacionais.

Um fato curioso sobre a língua caboverdiana foi a realização entre os dias 9 a 14 de abril de 1974, na cidade de Mindelo, o "1º Colóquio Linguístico Sobre a Problemática do Estudo e da Utilização do Crioulo" (Colóquio de Mindelo) na ilha de São Vicente. Esse colóquio tinha como proposta a escrita da língua caboverdiana com base fonético-fonológica. Mas todas as tentativas para sua implementação foram rejeitadas devido ao seu caráter político e por se afastar da realidade caboverdiana no cotidiano.

Em 1989, foi realizado o segundo colóquio "Fórum de Alfabetização Bilíngue", na cidade da Praia, pelo Ministério da Educação. Conforme Lopes (2017), a proposta desse colóquio era de criar uma comissão consultiva para estabelecer medidas ao governo e a direção de Educação Extraescolar com intuito de criar um modelo de alfabeto mais consensual. Com isso, em 1993 foi criada o ALUPEC (Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano). Depois de cinco anos, em 1998 essa nova proposta de alfabeto foi aprovada pelo governo e, com isso, foi realizada uma fase experimental com a duração de 10 anos. Através do Decreto-Lei nº 8/2009 é instituído o Alfabeto Caboverdiano.

Até os dias atuais, o que se conseguiu foi somente a instituição de um alfabeto oficial para a escrita de qualquer variedade da língua caboverdiana. No que diz respeito à oficialização do CCV ao lado do PCV, as várias tentativas após a independência têm sido infrutíferas. (LOPES, 2017, p. 86)

De acordo com Lopes (2017: 87), a oficialização da língua caboverdiana não foi consentida devido a herança colonial. Por muito tempo, essa língua foi classificada como um dialeto do português falado de maneira errada. A situação da língua caboverdiana em alguns aspectos continua o mesmo, como a sua situação de contato com a língua portuguesa, utilizada no meio informal e sendo excluída das instâncias formais. É a língua materna e de comunicação entre os caboverdianos e daqueles que residem no arquipélago consistindo em um dos aspectos fundamentais da identidade cultural dos caboverdianos, principalmente nas diásporas.

2.3.2 O português caboverdiano

De acordo com fatos históricos, mencionados anteriormente, o povoamento do arquipélago ocorreu em 1462 com a chegada dos portugueses. Com isso, a implantação da língua portuguesa nas ilhas sucedeu na mesma época. Não se sabe ao certo a data da origem e formação do português caboverdiano. Segundo Lopes (2017: 88), alguns linguistas falam que "a variedade do português falado em Cabo Verde é uma 'réplica', ainda que não perfeita, da variedade europeia da língua portuguesa".

O contato linguístico existe diante das duas línguas tanto o português caboverdiano, como a língua caboverdiana. Ambas sofrem com os efeitos do contato, tendo influências umas sobre as outras, embora muitos acreditem que não houve influências no português falado em Cabo Verde, "a língua portuguesa sofreu fortes influências do CCV (ainda que não se tenha conhecimento de nenhuma descrição da natureza dessas influências)" (LOPES, 2017: 90). O português que era falado em Cabo Verde, até pelos portugueses nativos apresentava traços linguísticos dito como "corrompido", "rústico", "não civilizado", "impossível de se escrever" devido ao seu intenso contato com a língua caboverdiana.

A língua portuguesa é a língua oficial e a maioria da população tem seu primeiro contato através de um meio institucional, ou seja, na idade escolar. De acordo com Castello Branco (s/d), a língua portuguesa é instituída/imposta pelo Estado. É através dessa língua que o país ganha visibilidade tanto no ambiente nacional como no internacional, explicitando as questões de poder e de interesses políticos e econômicos:

Para o Estado cabo-verdiano e para o outro, o que está fora de Cabo Verde, a língua nacional é a língua portuguesa. É a que torna o país integrante da comunidade lusófona. É a que escreve a história do país, a literatura, o cinema, o hino nacional cantado pela população. (CASTELLO BRANCO, s/d)

Embora o português assuma esse papel perante o Estado, hoje em dia de acordo com observações constatadas, inclusive *in loco*, o português não se encontra como a língua rival, mas também fazendo parte da população juntamente com a língua caboverdiana.

Contudo:

a despeito de muitos afirmarem que todos os caboverdianos compreendem e até mesmo falam o português, não é o que se observa em todos os lugares, ao menos não em Santiago, existindo muita dificuldade de comunicação em português, sendo necessária a presença

constante de um intérprete. (MIRANDA, 2013: 12-13)

Existe uma relação de hierarquização entre o português e a língua caboverdiana, pois no entendimento de Castello Branco (s/d) essa tensão pode ser vista como uma das heranças do passado colonial, que nos dias atuais permanece como meio de desigualdade social, uma vez que a maior parte da população não domina a língua oficial, seja por resistência ou, em alguns casos, por falta de escolaridade.

3 PESQUISA DE CAMPO E METODOLOGIA



Figura 3: Liceu Amílcar Cabral, Assomada.
Fonte: Acervo da autora.

3.1 Pesquisa de campo

A viagem para a realização desse trabalho de conclusão não estava prevista em nosso plano inicial. A princípio, a viagem foi programada para cunho turístico e pessoal e a partir da possibilidade de registro de algumas situações de fala, cogitou-se a pesquisa *in loco*.

Nosso primeiro contato para a efetivação da pesquisa em campo deu-se com o professor Dr. Fernando Jorge de Pina Tavares, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e diretor do CEIÁFRICA, para que pudesse nos auxiliar no contato com as instituições caboverdianas na figura do professor Mestre Luís Rodrigues, da Universidade de Santiago (UNISANTIAGO), através do Acordo de Cooperação e Mobilidade Discente entre as referidas instituições. Seguiu-se, então, o contato com o diretor da Escola Secundária Luciano Garcia, professor José Casimiro Fonseca, que se dispôs a auxiliar em todo o processo a partir de nossa

chegada.

A viagem a Cabo Verde foi realizada na ilha de Santiago entre os dias 07 de fevereiro a 14 de março de 2018, saindo de cidade de Salvador. A viagem para Cabo Verde incluiu uma breve visita a ilha do Sal, mas que não consideramos na realização desse trabalho. Na ilha de Santiago, a hospedagem se deu em casa de particulares com fácil acesso às instituições de ensino e os falantes nativos.

Para o levantamento dos dados⁶, visitou-se duas instituições de ensino: a Escola Secundária Luciano Garcia, localizada em São Lourenço dos Órgãos; e o Liceu Amílcar Cabral, localizado em Assomada. A escolha de São Lourenço deu-se devido a sua localização estratégica, no centro da ilha, podendo dessa forma deslocar-se facilmente tanto para o sul (cidade da Praia), tanto para o norte (cidade de Assomada e Tarrafal). No caso do Liceu, em Assomada, a escolha sucedeu-se devido a impossibilidade da realização da pesquisa na Universidade de Santiago, que estava em nossos planos iniciais.



Figura 4: Mapa da ilha de Santiago com as duas regiões da pesquisa de campo⁷

Após uma reunião com o professor e diretor José Casimiro Fonseca, da Escola

⁶ Embora a viagem dentro do território de Cabo Verde se realizou entre os dias 07 de fevereiro e 14 de março de 2018, as coletas de dados não foram realizadas durante todo esse período, devido a finalidade da viagem e, também, a disponibilidade da agenda e dos funcionários das instituições educacionais que nos auxiliaram nesse breve período. Assim, concentramos nossas atividades de gravações entre os dias 16 de fevereiro e 01 de março com intervalos entre os dias.

⁷ Fonte: <https://mapasblog.blogspot.com/2012/12/mapas-de-praia-cabo-verde.html>

Luciano Garcia, iniciamos as discussões sobre como se daria a coleta da fala dos alunos, que contou com a colaboração dos demais docentes da Escola no processo de seleção dos alunos e disponibilização das aulas. Primeiramente delimitou-se os docentes que iriam ser acompanhados durante as aulas para que pudéssemos assistir e gravar algumas aulas. Duas professoras foram fundamentais para a realização desse trabalho, as professoras Adelice Freire e Anabela Moreno, pois ambas davam aulas para os alunos das últimas classes, 10^a, 11^a e 12^a⁸. A escolha dessas classes levou em consideração a idade dos alunos, em sua maioria adolescentes, e sua facilidade de interação e circulação de ideias para o desenvolvimento de uma conversa mais estendida.

O deslocamento da nossa hospedagem para as instituições foi realizado com o uso de transporte públicos, por meio de um carro modelo Hilllux – carro com uma cobertura na parte de trás e dois bancos para que os passageiros ficassem sentados, normalmente com mais passageiros do que o necessário - e hiaces (são os transportes mais utilizados para se deslocar de uma cidade para outra). Segue o modelo do carro Hilllux utilizado para realizar um dos deslocamentos:



Figura 5: Hilllux, transporte público muito utilizado no interior da ilha de Santiago.

Acervo da autora

A viagem não contou com o financiamento de nenhuma agência financiadora de pesquisa, foi custeada por recursos financeiros próprios.

⁸ Essas três últimas classes no sistema de ensino de Cabo Verde correspondem aos três últimos anos do Ensino Médio no Brasil.

3.2 Coleta e Transcrição dos dados

A princípio o intuito da pesquisa de campo era coletar dados através de gravações de aulas e de conversas espontâneas com alunos e funcionários da Universidade de Santiago e da Escola Secundária Luciano Garcia. Infelizmente a UNISANTIAGO encontrava-se em período de recesso acadêmico impossibilitando a realização da pesquisa com alunos e funcionários da mesma instituição de ensino. Com isso, sugeriu-se que a coleta de dados fosse realizada no Liceu Amílcar Cabral junto aos alunos, assim como foi realizado na Escola Secundária Luciano Garcia.

A metodologia utilizada para a construção do *corpus* nessa dissertação consistiu nas gravações de estilo ‘entrevistas’ com conteúdo livre baseadas em perguntas, a princípio, triviais, como onde o entrevistado morava, o que fazia nas horas vagas, quais lugares costumava frequentar, etc.

As primeiras gravações na Escola Secundária Luciano Garcia foram realizadas sempre ao final de cada aula, assistida também pela pesquisadora. Nos primeiros dias, foram encontradas algumas dificuldades de gravação, como o intenso barulho externo advindo do tráfego nas estradas ao redor da instituição, sendo que algumas entrevistas foram realizadas nas salas das próprias docentes. Os informantes foram selecionados pelas professoras responsáveis por cada turma, considerando, também, aqueles que se mostraram interessados em ajudar nas interações. A curiosidade entre os alunos em saber o que estava acontecendo facilitou no processo das gravações.

As coletas no Liceu foram realizadas sem nenhum contato direto com os docentes da Instituição e, desse modo, não se pode coletar os dados durante as aulas, mas sim nos corredores e a partir da disponibilidade dos alunos, ocasionando um contato mais direto com os mesmos.

Ao final do processo de gravação contamos com 10 horas de gravações entre aulas e conversas espontâneas individuais com alunos das escolas, divididas em 57 gravações utilizando o gravador de áudio de um celular Motorola G5S.

Em relação aos dados, realizou-se a gravação de entrevistas entre ‘documentador-entrevistado’ conduzidas por tópicos relacionados ao cotidiano de cada aluno, com temáticas que envolviam a música, tradição e pontos turísticos de Cabo Verde, por exemplo. A partir da audição das gravações realizadas realizou-se uma breve seleção de trechos que continham “marcadores discursivos” para que pudessemos delimitar as

sentenças escolhidas para descrição.

O modelo adotado para a realização da transcrição dos dados foi o ortográfico, não dando enfoque para outros aspectos da língua.

3.3 Delimitação dos dados

Para a delimitação de nossos dados a serem descritos no escopo desse trabalho, procedemos, inicialmente, às audições de todo o material gravado já descrito anteriormente. Após uma audição criteriosa, selecionamos apenas os áudios em qualidade razoável, principalmente no que diz respeito às partes em que os alunos tinham o turno de fala. Essa fase de seleção de áudio foi fundamental devido ao excesso de ruídos no próprio ambiente de gravação, ou de ação externa, como o tráfego de veículos, assim como interferências do próprio aparelho de gravação utilizado⁹.

Com os áudios selecionados, iniciou-se uma segunda audição com o objetivo de identificar os possíveis marcadores discursivos presentes nas falas dos entrevistados. Após identificar os trechos com os possíveis marcadores discursivos, passamos a destacar essa realização em pequenos trechos que nos forneceriam dados para a descrição a partir do referencial teórico adotado e apresentado nos capítulos seguintes.

Desse modo, tomemos o exemplo abaixo que faz parte de um conjunto maior, ou seja, uma entrevista:

*Eu me chamo Davi Borges tenho 17 anos, moro em Achada Riba **ahn** eu **ahn** estudo 12^a turma, mais propriamente na turma 64 **ahn** bom, eu ainda não tenho assim, não sei bem o que vou fazer mas acho estar relacionada com a área de biologia, **ahn** eu torço pelo Benfica Barcelona [...]*

Após a audição desse material, interessava-nos, dentre outras partes, um recorte específico em que, em um primeiro momento, apontava para um marcador discursivo. Com a confirmação, selecionamos o referido trecho como uma parte do corpus que nos forneceria o marcador discursivo.

⁹ Ressaltamos que o aparelho usado na gravação das entrevistas foi um smartphone com configurações básicas em que a captação e gravação de áudios externos não está entre os seus principais objetivos.

4 MARCADORES DISCURSIVOS – RETOMADA DA LITERATURA



Figura 6: Liceu Amílcar Cabral, Assomada
Acervo da autora

4.1 Os marcadores discursivos

Não se pode negar a importância do diálogo nas interações sociais e como isso acaba refletindo na construção da estrutura social. A conversação apresenta procedimentos regulares que evidenciam o trabalho de planejamento no discurso e argumentos nas relações entre falantes e ouvintes. Segundo Julião da Silva (2010), não podemos analisar a língua como um mero instrumento de interação, pois ela é um veículo no qual os indivíduos apresentam seus argumentos de acordo com a interpretação do contexto em que vivem, por meio de expressões textuais e orais.

Os marcadores discursivos (doravante MDs) são fundamentais para o processo de conversação e o seu uso influencia tanto implicitamente, quanto explicitamente na argumentação entre locutores e interlocutores no funcionamento dos mecanismos dos seus discursos. Batista (2014) afirma que na argumentação é necessário que os falantes estabeleçam diversas táticas discursivas para convencer os interlocutores. Dentre essas táticas encontram-se os conectores que são fundamentais para a organização e orientação dos discursos argumentativos do falante, pois têm diversas funções que vão se adequando de acordo com o contexto em que forem utilizados e da intenção dos falantes.

É por meio da linguagem que o falante tenta convencer o interlocutor da

veracidade do seu discurso, independentemente dos locais onde são inseridos esses discursos. Batista (2014) afirma que, os interlocutores utilizam recursos para comprovar a veracidade dos fatos que são ditos. Esses recursos são utilizados através da língua, são eles: a entonação da voz, a prosódica, a argumentação, tudo que seja necessário para fazer com que o falante seja convincente.

Os MDs são elementos linguísticos que exercem funções importantes na interação, amarrando o texto no plano cognitivo e interpessoal. Contudo, muitas vezes são relacionados pela tradição como formas vazias e retardatárias do discurso. Segundo Freitag (2007: 23), os MDs não estão prescritos na gramática normativa tornando-os estigmatizados na grande maioria das vezes como um vício de linguagem.

Os marcadores discursivos estão presentes na gramática normativa, mas como unidades morfológicamente marcadas, preposições, advérbios, locuções e conjunções e são apresentados de uma forma em que não se notam as múltiplas interpretações que os mesmos encerram na fala.

Para Batista (2014) os MDs têm a função de ligar os discursos, de organizar o texto e conduzir as inferências dos interlocutores tanto no texto oral como no escrito. As propriedades sintáticas auxiliam para a construção da coesão do texto, permitindo que os interlocutores entendam que os morfemas e lexemas da língua são constituídos de sentido e estão a serviço do falante.

Não há um consenso quanto a denominação dos MDs, que podem ser tradados como marcadores conversacionais, operadores argumentativos, articuladores textuais, entre outros, atuando tanto no aspecto interpessoal, através da interação entre falante e ouvinte e contribuindo no planejamento da fala, como no aspecto textual, através de elos coesivos entre partes do texto.

Os marcadores são responsáveis por apontar o que está explícito e implícito no discurso. O contexto em que os MDs se encontram no discurso interfere diretamente para que os interlocutores compreendam os fatores extralinguísticos presentes nos textos (escrito e oral), não considerando somente sua estrutura. De acordo com Batista (2014: 24), a gramática normativa é a principal responsável em limitar as funções dos MDs, pois ela só contempla a parte estrutural da sentença e a ligação entre os enunciados e não o contexto em que os marcadores estão inseridos. Sendo assim, são os falantes que determinam a função desses itens linguísticos durante o processo comunicacional.

4.2 Características e funções dos MDs

As funções textuais dos MDs estão principalmente relacionadas na habilidade do

falante em utilizar os elementos linguísticos para uma efetiva coesão e coerência¹⁰ de seu texto (oral ou escrito). Esses elementos linguísticos são responsáveis em organizar o discurso dos falantes e elaborar inferências e orientar os argumentos dos falantes. Batista (2014) afirma que os marcadores são responsáveis por organizar os textos orais e escritos e possuem funções textuais na área da morfologia e sintaxe.

Muitos estudos abordam/expõem os MDs como facilitador do processamento do discurso. Fala do processamento do discurso como "o conjunto de atividades linguístico-cognitivas efetuadas pelos interlocutores (falante/escritor e ouvinte/leitor) para (re)construir a significação contextual do discurso" (KOCH, 2004 apud PENHAVEL, 2012: 81). Essa significação contextual está relacionada ao enunciado do texto e ao significado da compreensão dos interlocutores na interação verbal.

Normalmente ao considerar que os MDs facilitam o processamento do discurso relaciona-se ao fato de que esses marcadores abrangem a ideia de explicitar algo implícito no texto tanto oral, quanto escrito. Quando assumimos a ideia de implícito em conformidade com Penhavel (2012), no qual evidencia que os interlocutores desempenham maior empenho no processamento cognitivo do que quando algo está explícito no discurso. Um exemplo de elementos que explicitam significações implícitas, é quando os MDs exercem a função de conectores. Nesse caso esses conectores facilitam o discurso, pois seriam utilizados ao longo de partes do texto para explicitar os significados e desse modo minimizar o esforço por parte dos interlocutores.

Alguns marcadores discursivos possuem característica interpessoal e dispõem de condições de apoio discursivos que se originam de verbos ou adjetivos por processo de mudança linguística. Com isso, Freitag (2007) afirma que uma mesma forma pode desempenhar concomitantemente três funções na organização da fala, são elas: *interpessoal, interpessoal e textual e rítmico*.

Um das funções de natureza *interpessoal* é dar enfoque as informações, no qual o falante, através de requisitos de apoio discursivo, chama a atenção para certo trecho ou elemento textual. Assim, considerando os propósitos pragmáticos, o falante pretende estimular a informação na memória do interlocutor e verificar a percepção do que foi

¹⁰ Tomamos a noção de coesão, a partir de Koch (2016: 16), como "uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação". É através da coesão que notamos diversos recursos semânticos que permitem que uma sentença "se liga com a que veio antes". Em relação a coerência, valemo-nos de Koch & Travaglia (2015: 21), em que a coerência é apontada como a "possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto", isto é, o texto apresentará princípios de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto na comunicação, fazendo com que o receptor calcule o sentido dessa produção oral ou escrita.

falado evidenciando algumas informações em relação a outras (FREITAG: 2007, 25).

A função de natureza *interpessoal e textual*, segundo Travaglia, (1999); Valle, (2001); Gorski et al., (2003) apud Freitag (2007), é solicitar a atenção do ouvinte para algumas partes do texto, ou seja, atuando como elementos que dão enfoque as informações no texto. Essas informações estão relacionadas a ideia de *relevo*. Travaglia (1999: 77-81) apud Freitag (2008) fala que o falante ao elaborar seu texto, recorre ao relevo para evidenciar elementos essenciais dentro do texto em relação a outros, dando o nome de relevo positivo; e camuflar ou rebaixar alguns elementos em relação a outros, chama-se relevo negativo.

A função de natureza *rítmico* opera, de acordo com Vicent; Votre; Laforest (1993) apud Freitag (2007), “como marcadores de ritmo, formas automatizadas, ou ‘pontuantes’, perdendo sua modulação interrogativa”. Como exemplo dessa subcategoria estão presentes os MDs *né?* e *tá?*, que embora são vistas como formas reduzidas, desempenham a função de manter o ritmo e o turno do falante.

4.3 Abordagens sobre os MDs

Os MDs transformaram-se em instrumentos de investigação em variados estudos linguísticos, existindo diversas abordagens de marcadores, em que produz análises e termos das mais diversificadas categorias. Penhavel (2012) afirma que, o contexto em que os MDs se encontram atualmente pode ser considerado positivo e negativo. Positivo, pois amplia os estudos com os mais diversificados pontos de vista; e negativo, pois existe um número variado de conceituações, o que acaba dificultando o trabalho com os MDs. Essencialmente alguns desses trabalhos existentes podem ser sistematizados em três abordagens.

A primeira abordagem classifica os MDs como expressões que estão conectadas a um enunciado principal, funcionando como conectivos. De acordo com Penhavel (2012), as pesquisas de Fraser (2006), Blakemore (1987, 2002), dentre outras, são exemplos desse tipo de abordagem. De acordo com essa primeira perspectiva, “a intenção do falante é que tal enunciado seja interpretado como mantendo uma relação de contraste relativamente ao primeiro enunciado. Como se pode ver, esse primeiro tipo de abordagem inclui trabalhos que consideram como MDs itens de natureza conectiva” (FRASER, 2006 apud PENHAVAL, 2012: 80).

Acreditamos que dois tipos de MDs trazido por Batista (2014) dialoga com a primeira abordagem apresentada por Penhavel (2012). O primeiro tipo de MDs refere-se

aos organizadores textuais que são elementos linguísticos que estão mais presentes no texto escrito, do que no oral. Segundo Batista (2014), esses organizadores possuem valor argumentativo e interpretativo, que se tornam evidentes quando o locutor analisa o contexto em que estão inseridos os elementos extralinguísticos, como as inferências e as orientações argumentativa dos enunciados.

Já o segundo tipo de MDs classificados como os modalizadores têm como propósito “no texto atenuar alguma expressão constituída de um valor semântico agressivo e evitar conflitos entre os interlocutores” (BATISTA, 2014: 32-33). De acordo com o autor supracitado, os MDs podem ser modalizadores por apresentar características como indicar intenções, sentimentos e atitudes dos falantes. É através dos conteúdos transmitidos pelos interlocutores que se estabelece uma ligação direta entre ele e locutores, articulando suas principais ideias do texto e marcando seu posicionamento no discurso.

Com isso entende-se que nessa abordagem os MDs:

são vistos como uma parte dos elementos linguísticos que codificam significado processual. Mais especificamente, os MDs são entendidos como itens cujo significado indica como um novo segmento informacional deve ser interpretado relativamente ao discurso precedente; ou seja, são itens que codificam significados processuais relacionais (PENHAVEL, 2012: 86).

A segunda abordagem trazida por Penhavel (2012) entende os MDs como expressões que tem a função de conduzir a conversação. Essa perspectiva refere-se aos trabalhos que analisam os processos de conversação. Nesse sentido essa abordagem contempla um outro tipo de MDs trazida por Batista (2014) que são classificados como marcadores conversacionais. Tais marcadores estão presentes unicamente no contexto oral, manifestando-se geralmente na conversação e estabelecendo "relações sintáticas, semânticas e discursivas entre os enunciados veiculados pelos interlocutores e estabelecem a conexão, guiam as inferências e reforçam argumentos" (BATISTA, 2014: 36). Os marcadores conversacionais colaboram para a construção da coesão e da coerência dos textos orais relacionando os argumentos e as escolhas lexicais dos falantes.

Conforme Batista (2014), na conversação a utilização dos MDs contribui para que os interlocutores percebam e não dificultem o discurso do outro sem pedir permissão. Normalmente essa "permissão" se dá através do uso de algum marcador para dizer que no exato instante ele quer falar. Esses marcadores conversacionais compreendem o

espaço sócio afetivo dos falantes, exercendo uma função interativa entre eles. Tais espaços evidenciam sentimentos de medo, desprezo, ironia, felicidade, entre outros.

Já a terceira abordagem trazida por Penhavel (2012), abarca as duas perspectivas referidas anteriormente, que por sua vez, considera que os MDs podem ser tanto conectivos como exercer o papel de gerenciadores na conversação. Nesse sentido acreditamos que os MDs que serão analisados no capítulo seguinte apresentarão melhor enquadramento nessa terceira e última abordagem trazida por Penhavel (2012).

4.4 Os MDs e a norma padrão

Os MDs estão presentes na gramática internalizada dos falantes, mas não como categoria na gramática normativa, pois essa categoria não é reconhecida e são classificados muitas vezes como vícios de linguagens. Com isso, os marcadores discursivos não se encontram nos materiais didáticos, muitos menos nos currículos escolares, como por exemplo, os pronomes, verbos e conjunções, ainda que se tenha muitos estudos relacionados a seu funcionamento e importância na interação.

Não há um falante que nunca tenha usado algum tipo de marcador discursivo. Acredita-se que o falante possa ter algum tipo de cuidado a depender do contexto social em que ele esteja inserido na prática discursiva, “mas todo falante proficiente de uma língua utiliza os marcadores discursivos. Mas, por não serem previstos na gramática, sofrem de estigma e em contextos de maior formalidade, costumam ser marcados socialmente” (FREITAG, 2007: 28). Risso também aponta que:

Apesar de produtividade desses mecanismos organizadores no texto, quase nenhum espaço é reservado para eles nas descrições gramaticais da língua. Pouco atenta às questões linguístico-discursivas que se manifestam no âmbito transfrástico e às estruturas mais particularizadoras de língua falada, a gramática tradicional faz uma breve menção a alguns dos sinais estruturadores aqui mencionados, num heterogêneo apêndice à classe dos advérbios, denominado “Palavras de classificação a parte”. Já enquanto constituintes integrados à estrutura da sentença, formas homônimas às dos marcadores sequenciadores têm seu enquadramento estabelecido, pelas nossas gramáticas, na classe dos advérbios (“agora”, “então”, “aí”, “depois”, “bem”, “assim”, “finalmente”), das conjunções (mas), dos adjetivos (bom), dos verbos (quer dizer). (RISSO, 2015: 392)

O trecho acima citado evidencia que os marcadores discursivos não estão presentes nas gramáticas normativas enquanto categoria, isso não exclui o fato de estarem no sistema da língua. Porém, encontram-se na maioria das vezes em situação de

desprestígio social restringindo seu uso, o que não nega a sua importância funcional.

Normalmente nas entrevistas de emprego sugerem que eliminem o uso dos MDs no momento da fala do possível contratado, pois ficaria mais próximo da gramática normativa, sendo assim qualificando-o para a vaga de emprego; e no mercado de trabalho principalmente nas orientações para os profissionais que irão trabalhar diretamente com o contato com o público. Freitag (2007) afirma que, são oferecidos até cursos para instruir a pessoa a falar em público, na maior parte desses cursos consideram os marcadores como ‘cagoetes linguísticos’ ou até mesmo ‘ruídos na comunicação’, ou seja, são usos totalmente diferentes da norma culta estão desconhecendo os MDS, não dando a mínima importância para a sua estruturação na fala.

Associar o uso dos marcadores discursivos como insegurança e/ou falta de domínio no assunto em discussão, já se transformou em algo corriqueiro perante a sociedade escolar/acadêmica. “Por não serem normatizados, em aulas de língua portuguesa, os marcadores discursivos costumam ser alvo de repúdio, por parte dos professores ou até mesmo pela instituição” (FREITAG, 2007: 30).

Apesar do desprestígio falado anteriormente existem comprovações de que os MDs estejam presentes na norma padrão da língua. A presença dos marcadores discursivos é reconhecida facilmente através dos textos jornalísticos, dando início a uma normatização. Acreditamos que esse fato poderá proporcionar mudanças gradativas em contextos escolares. Pois, “assim como a mídia, sempre aberta às inovações, a escola deve também incorporar os avanços de pesquisas linguísticas e inserir a categoria dos marcadores discursivos nos programas de educação linguística em língua materna” (FREITAG, 2007: 41).

5 MARCADORES DISCURSIVOS EM CABO VERDE – DESCRIÇÃO PRELIMINAR



Figura 7: Liceu Amílcar Cabral, Assomada
Acervo da autora

5.1 MDs em Cabo Verde

Estamos cientes da responsabilidade da nossa análise sobre os MDs no português caboverdiano, especificamente na ilha de Santiago, uma vez que não conseguimos referências anteriores sobre essa temática, pelo menos até onde conseguimos averiguar em nosso levantamento bibliográfico. Nesse sentido, iremos através de uma descrição preliminar analisar alguns tipos de MDs no português caboverdiano identificados na nossa pesquisa.

Partimos da ideia trazida por Freitag (2007), na qual a autora afirma que não existe um falante que nunca tenha utilizado algum marcador discursivo no discurso (oral e escrito). Como mencionamos no capítulo anterior, os MDs são estruturas que exercem funções importantes na interação, amarrando o texto no plano cognitivo e interpessoal, sendo responsáveis por marcar o que está explícito e implícito no discurso. Normalmente os MDs são vistos como facilitadores da comunicação e o contexto em que esses marcadores se encontram no discurso interfere diretamente para que os interlocutores compreendam os fatores extralinguísticos presentes tanto no texto escrito, quanto no texto oral.

O conceito de facilitação aqui exposta está em consonância com a de Penhavel (2012), no qual abrange tanto a perspectiva do ouvinte, como a do falante. Os MDs facilitam o ouvinte a interpretar o texto e assumem o papel de itens facilitadores do falante, quando o mesmo utiliza os marcadores para dar sentido ao texto que está em construção, apresentando ao ouvinte indicações para que ele possa interpretar o texto, ou seja, os MDs auxiliam o falante na elaboração e o ouvinte na interpretação de um texto.

Segundo Risso (2015), os MDs são elementos com uma função limitadora, pois estão geralmente exercendo apoio a tópicos no desenvolvimento sequencial do texto, e com isso, indicando as partes que se iniciam e conseqüentemente a outras que se fecham. Esses marcadores “não podem ser a única expressão verbal de uma comunicação ou o único enunciado de um falante numa interação devendo acompanhar necessariamente, algum outro elemento” (PENHAVEL, 2012: 85).

Acreditamos que no caso específico dos marcadores discursivos do português de Cabo Verde, especificamente da ilha de Santiago, que iremos analisar tem um melhor enquadramento na terceira abordagem trazida por Penhavel (2012), pois essa abordagem é mais abrangente que abarca tanto uma classificação dos MDs como conectivos e também como gerenciadores da conversação.

Na próxima subseção, elencaremos alguns MDs destacados de nosso corpus e uma breve descrição de sua ocorrência, assim como das características que esses MDs apontam no contexto discursivo apresentado.

5.2 Os marcadores “agora”, “bom”, “aí”, “ah”, “ahn”, “né”, “eh”

Nesta subseção, vamos proceder a uma breve descrição de uma pequena parcela dos MDs que encontramos em nossa recolha dos dados. Desse modo, reforçamos ao leitor que os MDs aqui apresentados não representam o quadro geral dos MDs possíveis na língua em consideração.

Os MDs que serão descritos assumem a função de sequenciadores, conforme Risso (2015) e interacionais, conforme Urbano (2015) e retomados anteriormente no terceiro capítulo. De acordo com Penhavel (2012), essa terceira abordagem está de acordo com a perspectiva da Gramática Textual-Interativa que reconhece o texto como objeto de estudo, dando enfoque aos processos de construção textual. Nesse contexto, “os MDs são uma classe formada por expressões linguísticas que atuam na articulação ou no

gerenciamento interacional desses processos de construção textual” (PENHAVEL, 2012: 92).

De acordo com Risso (2015), os MDs sequenciadores são responsáveis pelo processo de organização tópica do texto, através de características específicas que auxiliam nas funções textuais no decorrer das relações interativas. Segundo Penhavel (2010), uma das funções desses marcadores é estabelecer uma ligação através do marcador discursivo presente no enunciado principal e que se refere a um aspecto desse enunciado.

Penhavel (2012) afirma que os MDs interacionais apresentam como principal característica orientar o discurso sendo responsáveis por explicitar os significados contidos nele. Ou seja, são responsáveis por sinalizar de forma mais direta o que está sendo dito no discurso. Esses marcadores são “exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicativamente não autônomos” (URBANO, 2015: 453). Isso quer dizer que, esses marcadores desempenham a função de indicar ou solicitar a percepção interacional entre os falantes durante o diálogo.

5.2.1 O marcador “*agora*”

Durante a pesquisa de campo percebemos que o marcador discursivo “*agora*” estava presente em algumas falas dos entrevistados. Importante ressaltar que “*agora*” além de assumir o papel de marcador, aparece também nos discursos dos entrevistados como advérbio.

Risso (2015) afirma que o marcador “*agora*” tem como uma de suas funções avançar o discurso, direcionando a atenção do ouvinte para algo novo que vai dizer. Geralmente este “algo novo” foi mencionado anteriormente no texto falado, como no exemplo a seguir:

[...] tenho 17 anos e quando terminar no Liceu quero fazer um curso de direito, exercer por essa área mesmo. **Agora** pra você ir aqui em Cabo Verde, mais propriamente na ilha de Santiago, recomendo a Cidade Velha que é muito... tem muitas coisas que posso te indicar na cultura de Cabo Verde mesmo. (COLABORADOR 03)

Nessa parte retirada do discurso, observa-se que o aluno utiliza o marcador “*agora*” para direcionar o ouvinte a uma informação nova, com base em algo que foi perguntado/mencionado anteriormente no diálogo, ou seja, ele está assumindo o papel de avançar o discurso. Entendemos que a probabilidade do entrevistado usar o marcador

“*agora*” é maior quando o entrevistador faz perguntas de forma agrupada, ou seja, mais de uma pergunta de uma única vez. Além disso, podemos entender que esse marcador assume um papel de sequenciador, por estar auxiliando nas funções textuais no decorrer da relação entre o falante e ouvinte.

Essa distinção entre o “*agora*” como marcador sequencial e como advérbio pode ser vista no trecho da entrevista abaixo, em que o termo assume uma função temporal, ou seja, de advérbio:

Bom, eu adoro muito, muito a música caboverdianas também é minha música, né? mas acho eu que as músicas antigas, entre aspas, é as músicas antigas é de Cabo Verde pra mim são mais bonitas, mais bem cantada, mais bem reproduzida, eee **agora** tudo é com moderação, o mundo desenvolve [...] (COLABORADOR 02).

5.2.2 O marcador “*bom*”

A palavra “*bom*” aparece na fala desempenhando tanto a função presente na gramática normativa como adjetivo, como também a função de um marcador discursivo. O marcador “*bom*” é um segmento prefaciador utilizado pelo falante como adiantamento de um conteúdo tópico durante a interação. Normalmente aparece na fala “como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações seguintes” (RISSO, 2015: 429), como apresentaremos no trecho seguinte da entrevista:

Bom, eh eu não sei pra dizer claro eu amo o português, eh, alias eu amo o crioulo, porque eu passo o dia inteiro falando crioulo com os meus amigos, os meus colegas, é só na sala de aula que nós falamos, é português (COLABORADOR 02).

O marcador acima destacado assume um papel de sequenciador no discurso, funcionando no gerenciamento da resposta. Normalmente esse marcador é utilizado para iniciar a resposta de uma pergunta realizada anteriormente, dando sequência ao diálogo. Risso (2015) afirma que esse marcador funciona também para deixar o diálogo em aberto, enquanto o falante procura o sentido da formulação a ser dada ao discurso, ou seja, procura uma melhor maneira de responder à pergunta. Nesse caso a pergunta referia-se a opinião dele sobre a língua oficial de Cabo Verde o português se ele concordava ou não.

5.2.3 O marcador “*ai*”

De acordo com a gramática normativa “o advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais”. (BECHARA, 2015: 308). Assim, entre os pronominais, temos os demonstrativos como: *aqui, aí, acolá, lá, cá*.

Em relação ao “aí” o mesmo pode funcionar como MD, pois não assume a função adverbial em alguns contextos, como nos trechos destacados a seguir:

Assim, tipo, na história, assim. Vários turistas vão para o mato, assim, visitar e **aí** eles encontram zumbi lá, depois, e tentam fugir, mas só um atriz e autor que escapa, mas os outros todos vão ser comidos lá [...] (COLABORADOR 04).

[...] mas ele vão pra prisão juntamente com e, seu cúmplice e... *mo k tchoma*, não sei, *ma sta* resgatado por um rapaz que *tchoma Stoni Cheron*, **aí** *es kre*, e eles querem dominar o mundo sendo que supos... só eles querem [...] (COLABORADOR 06).

A partir dos trechos acima notamos que o “aí” assume a função de sequenciador, pois conecta as partes de informação proferidas pelo falante ao longo do evento comunicativo.

5.2.4 O marcador “ah”.

Risso (2015) afirma que o marcador “ah” é responsável por evidenciar no texto através da estruturação do desenvolvimento tópico, delimitando a abertura de falas no decorrer do discurso. Uma característica desse marcador no contexto interacional é quando ocorre em circunstâncias de convergência ou divergência entre os interlocutores.

Torna-se perceptível o uso desse marcador em partes do diálogo, indicando tipos de reações espontâneas no discurso tanto do falante, como do ouvinte. Normalmente presente no início de falas citadas, enfatizando “revelação das ligações interpessoais, o referido marcador entra no delineamento de convergências ou divergências de pontos de vista entre os interlocutores, fazendo parte do jogo argumentativo movido na relação entre turnos” (RISSO, 2015: 441). Verificaremos a presença desse marcador no trecho da entrevista a seguir:

Ah, filme, é a história de que um ator, eh, já esqueci o nome, eh ele faz tudo, tudo, mas tudo para uma pessoa, para uma madame, mas e, tipo, ele faz todos os aspectos para conseguir aquela, e aquela menina, mas só que ele não fala diretamente com ela, e assim depois, e eles estudavam também na mesma escola e ficando sempre preocupava mais com a vida da miúda do que dele. (COLABORADOR 02)

No contexto aqui exposto o marcador apresentado aparece no início da fala do aluno, indicando uma abertura no canal comunicativo e logo em seguida se inicia a resposta. O marcador foi utilizado para retomar a pergunta realizada anteriormente.

5.2.5 O marcador “*ahn*”

Nas entrevistas constatamos a presença do marcador “*ahn*” no discurso oral depois de uma pergunta aberta, ou seja, quando o falante vai responder alguma pergunta, podendo sinalizar um reforço a ela. Aparece também como forma de acompanhamento do discurso por parte do ouvinte. Mas uma característica desse marcador apresentada por Urbano (2015) é aparecer como repetição de comentários realizados anteriormente, geralmente como dúvida ou hesitação para que o falante ganhe tempo para dar início a resposta. Além disso esse marcador pode estar presente apenas como pergunta retórica. Apresentaremos uma parte da entrevista com o seguinte marcador:

[...] moro em Achada Riba, **ahn** eu **ahn**, estudo 12^a turma, mais propriamente na turma 64, **ahn** bom, eu ainda não tenho, assim, não sei bem o que vou fazer, mas acho estar relacionada com a área de biologia, **ahn**, eu torço pelo Benfica, Barcelona também são meus dois times de coração, **ahn**, seleção eu torço pela Argentina e também pela seleção de Cabo Verde, óbvio, **ahn**, acho que só, quer mais? (COLABORADOR 01).

Observamos que o marcador “*ahn*” aqui exposto apresenta como característica o papel de tempo que o falante utiliza para iniciar a resposta. Notamos também que esse marcador foi utilizado para recapitular a pergunta que foi realizada anteriormente. Geralmente os marcadores que dão início a respostas ou comentários assumem uma função textual contribuindo para o desenvolvimento do discurso.

5.2.6 O marcador “*né?*”

Conforme Urbano (2015), o marcador interacional “*né?*” tem como principal função no discurso verificar a eficiência do canal de comunicação, ou seja, a função fática. Na maioria dos casos o marcador “*né?*” se encontra no final da frase em forma interrogativa ou comumente comparada com as ‘tag questions’.

Esse marcador geralmente tem a função de reafirmar, ou destacar o que foi dito anteriormente no discurso do locutor, o que para Urbano (2015: 472) é uma evidência desse marcador provir da matriz “*isso não é verdade?*”. Observamos que o falante utiliza

esse marcador ele não está fazendo uma pergunta, de fato, como nos trechos das entrevistas a seguir:

Bom eu adoro muito muito a música caboverdianas também é minha música **né?** mas acho eu que as músicas antigas entre aspas é as músicas antigas é de Cabo Verde pra mim são mais bonitas mais bem cantada mais bem reproduzida [...] (COLABORADOR 02).

Praticamente as antigas agora já é pouco ouvido **né?** Agora já tem títulos que substituem praticamente... (COLABORADOR 03).

Acreditamos que quando o falante utilizou o marcador “*né?*” no trecho acima ele, de acordo com o contexto no qual foi realizada a pergunta o falante está realçando o que foi dito anteriormente, que as músicas caboverdianas antigas não são mais escutadas na mesma frequência que antes.

5.2.7 O marcador “*eh*”

Em nossas entrevistas, encontramos a realização do marcador “*eh*”. No entanto, seguindo as definições de Urbano (2015: 466-467), parece-nos que as realizações no português de Cabo Verde, e presentes em nosso corpus, não apontam para a ocorrência de feedback:

- a. *Isoladamente, retroalimentando o falante e mantendo-o no seu papel discursivo;*
- b. *No início do turno do ouvinte, possibilitando a este assumir o papel de falante.*

Os dados por nós levantados apontam para uma aproximação entre o marcador “*eh*” e o marcador “*ahn*”, pois como aponta o trecho da entrevista a seguir, o marcador “*eh*” assume o papel de recapitular a pergunta realizada, presentes normalmente no início das respostas e comentários do falante.

[...] gestos dos **eh** dos personagens porque chama muita atenção da sociedade hoje em dia a sociedade tá muito INCOMP jovens tá muito influenciados com esses filmes eles **eh** nos ensinam a tomar mais cuidado com o que é nosso e também que não devemos roubar eu, as coisas das outras pessoas, porque não é digno não é bom, e também Amor Impossível (impossible) **eh** são as coisas do sentimento.

P: O que é que fala esse filme? Conta a história de que?

C: Ah filme **eh** a história de que um ator **eh** já esqueci o nome **eh** ele faz tudo tudo mas tudo para uma pessoa para uma madame mas e tipo ele faz todos os aspectos para conseguir aquela e aquela menina mas só que ele não fala diretamente com ela e assim depois e eles estudavam também na mesma escola e ficando sempre preocupava mais com a vida da miúda do que dele. (COLABORADOR 02)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como objetivo uma breve descrição de certos marcadores discursivos encontrados no português falado em Cabo Verde após uma viagem realizada a ilha de Santiago e da coleta de dados em duas instituições de ensino.

A partir de uma revisão da literatura, buscamos apresentar alguns trabalhos que se debruçaram sobre as definições e funções dos marcadores discursivos. Chamou-nos a atenção que, embora alguns autores apontem certa discordância nessa empreitada, em nosso entendimento não há divisões antagônicas, mas sim de perspectivas semelhantes que usam conceitos diferentes, mas que não necessariamente alteram a classificação. Consideramos em nossa descrição os MDs que desempenham função de sequenciadores, conforme Risso (2015), e funções interacionais, de acordo com Urbano (2015).

Apresentamos, também, a importância dos MDs como elementos que também participam da coesão e coerências textuais, assim como demais classes da língua, como os verbos, adjetivos, substantivos. Nessa perspectiva, os MDs desempenham a função de construir o enunciado no contexto cognitivo e interpessoal, ou seja, são responsáveis por concretizar o discurso marcando o que está implícito e explícito no texto oral e escrito. Cabe salientar a necessidade de incluir os MDs enquanto uma categoria na gramática normativa de forma a atribuir sua importância no discurso oral e escrito e o seu prestígio funcional e social.

Enfrentamos desafios e limitações quanto ao acesso aos estudos bibliográficos que fundamentasse o nosso trabalho, pois as publicações encontradas analisavam os MDs no português brasileiro ou europeu. Desse modo, optamos por trabalhos que privilegiam os MDs na variedade brasileira do português.

Para nosso propósito de descrição, fizemos um recorte de alguns MDs, como “agora”, “bom”, “aí”, “ah”, “ahn”, “né?” e “eh”, ressaltando que não são os únicos MDs presentes no português caboverdiano. Apontamos que esses marcadores se enquadram nas funções de sequenciadores, quando são responsáveis pelo processo de organização tópica do texto; e interacionais quando orientam o discurso sendo responsáveis por explicitar os significados contidos nele.

Essa abordagem preliminar dos MDs no português caboverdiano nos mostra que é necessário um maior aprofundamento com um trabalho descritivo e analítico, contrastando os MDs presentes no português brasileiro e europeu, para que possamos destacar, também, marcadores que possam ser identificadores da especificidade dessa

variedade de português, e até mesmo da língua caboverdiana, como o termo “ya”, escutado com frequência em situações semelhantes dos demais MDs. Salientamos que um futuro amadurecimento acadêmico poderá nos auxiliar nessa pesquisa, contribuindo para os estudos das demais variedades da língua portuguesa para além do eixo Brasil-Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Magno. Marcadores discursivos: revisitando os conceitos e a análise linguístico-discursiva em gêneros de esfera jornalística inseridos no manual didático. Ilhéus, 2014.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. [38. ed.]. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, Lucerna, 2015.

CASTELLO BRANCO, Luzia Kátia. As línguas de Cabo Verde – o cabo-verdiano e o português: lugar onde joga o equívoco. Rio de Janeiro.

COUTINHO, Maria Antónia. Marcadores discursivos e tipos de discurso. Estudos Linguísticos, 2, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2008, p. 193-210.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, [S.l.], v. 4, jul. 2007. ISSN 1980-8879. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1091>>. Acesso em: 15 out. 2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/Se. Revista do GELNE, p. 21-32. Vol. 10, N° 1/2, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SILVA, Rosangela Barros da; EVANGELISTA, Flávia Regina de Santana. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. p. 55-75. Sergipe, 2007.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula. 4ed. São Paulo: Selo Negro, 2008, p. 520-534.

HERNANDEZ, Leila Leite. Os filhos da terra do sol: formação do estado-nação em Cabo Verde. São Paulo: Selo Negro, 2002.

INE: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. Anuário Estatístico. Praia, 2015.

JULIÃO DA SILVA, Sergio Duarte. Análise e exploração de marcadores discursivos no ensino de Português-Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. São Paulo, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. 22ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH & TRAVAGLIA,. A coerência textual. 18ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, Adelaide Tavares Monteiro. A língua cabo-verdiana e a política linguística no país – Cabo Verde. Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Francisco João. Análise morfossintática das construções-wh no

português falado em Cabo Verde. São Paulo, 2017.

LOPES, Ana Cristina Macário. Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no português europeu contemporâneo. Coimbra, p. 33-50.

MARIANO, Rafaela Defendi. Marcadores discursivos e sequências textuais: uma análise das ações de textualização em programas midiáticos. Campinas, 2014.

MARTINS, Amarilis Barbosa. Relações entre Portugal e Cabo Verde antes e depois da independência. Lisboa, 2009.

MIRANDA, Wânia. O sintagma nominal do caboverdiano: uma investigação semântica. São Paulo, 2013.

MONIZ, Elias Alfama Vaz. Africanidades e eurocentrismo em pelejas culturais e educacionais no fazer-se histórico do Cabo Verde. São Paulo, 2007.

PENHAVEL, Eduardo. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? Revista (Com)textos Linguísticos. Vitória. V. 6, N°7, p. 78-98, 2012.

PENHAVEL, Eduardo. Sobre as funções dos marcadores discursivos. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 1296-1301. São José do Rio Preto, 2005.

PENHAVEL, Eduardo. Marcadores discursivos e articulação tópica. Campinas, 2010.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: RJUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, v.1, São Paulo: Contexto, 2015, p. 391-452.

SANTOS, Margarida. "Alfabetização em Língua Portuguesa, Língua Segunda. Projecto continuar a ser criança". Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2004.

SEIBERT, Karl Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia*, 49. 2014, 41-70.

SEMEDO, Emanuel de Jesus Correia. Rabelados: fenômeno sócio religioso de Cabo Verde. São Francisco do Conde, 2016.

SOUSA, Benedita e NASCIMENTO, Julio. A língua portuguesa e a situação linguística cabo-verdiana. Ceará.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: RJUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, v.1, 2015, p. 453-482.

ANEXO

Transcrição das entrevistas

Primeira entrevista: COLABORADOR 01 - 6m55s

Eu me chamo Davi Borges, tenho 17 anos, moro em Achada Riba ahn eu ahn estudo 12ª turma, mais propriamente na turma 64 ahn bom eu ainda não tenho assim não sei bem o que vou fazer, mas acho estar relacionada com a área de biologia ahn, eu torço pelo Benfica, Barcelona também são meus dois times de coração, ahn, seleção eu torço pela Argentina e também pela seleção de Cabo Verde, óbvio, ahn, acho que só, quer mais? Bom, ahn, eu gosto de jogar basquete também gosto de jogar futsal com meus amigos, gosto de um bocadinho de, também sair, divertir assim para praça as vezes festivais, assim... é isso. Ahn um dia eu gostaria de visitar Israel, e também, ahn, ahn e dar um tour pelo mundo passar pela França, China, Portugal, Brasil, ahn, EUA, gostaria também de conhecer os países como a Finlândia, esses países aí, gostaria mesmo de conhecer. Bom, ahn, eu gostaria de ir para, ahh, deserto de Viena, na na Boa Vista, vulcão no Fogo, também ahh gostaria de conhecer Santo Antão pela sua famosa, ahh, ahh montanhas, por ser uma ilha montanhosa, gostaria de ir lá, acho que só.

Bom eu gosto de todas, ahh mais ahh, eu ahh, o zouk, agora estão a dar mais kizomba, eu também gosto muito de kizomba, ahh ee, funana, agora cotipo também gosto muito. Eu eu gosto muito da cultura caboverdiana, porque é muito variado tem músicas interessantes, eu gosto de todas.

Eu gosto de romance, filmes de ação, filmes de aventura, também de ficção científica. Último filme que gostei, ahh e, Piratas das Caribas, última que saiu.

Pesquisadora: Conta a história de que?

Entrevistado: Ahh, de o pirata (mod k tchoma?) ahh, aquele pirata famoso, Jack... ahh um pirata ele, ele tem uma bússola, pois ahh eee see, aquela bússola protege-o, aquela bússola indica aonde tem, ahn um tesouro e um pirata morto, que foi morto, ahh procura aquela bússola, porque sabe se encontrar a bússola irá abrir, ahh, o mar assim, procura e depois, ahh, acaba por encontrar mais ahh, o pirata consegue matar. O pirata não, o amigo do pirata consegue matá-lo para salvar a sua filha, depois eles fogem e o filme termina. Sim, ele é um pirata muito ladrão, ele é tipo, ele ele é, ele gosta de sacanear os guardas, assim, sacanea também outros piratas, toma barcos, toma tesouros, elee..

Eu gosto muito do Liceu, mas eu acho que o Liceu deveria ter, ahh, mais que

lições para o estudo, porque nós, aqui nós não temos, é ahh, por exemplo um, um laboratório apropriado, também o Liceu deveria ter, ahh, professores com... aqui á professores de excelentes qualidades, mas também falta uma maturidade em alguns, mas de resto aqui é um Liceu quase perfeito, ahh, mediante as limitações do nosso país, porque nós não podemos ter tudo que queremos, mas nessas condições é um Liceu, um grande Liceu acho.

Bom, eu concordo com a oficialização da língua portuguesa no meu país, porque a língua portuguesa liga-nos com vários outros países, faz nos ahh, faz nos ahh, ah ter uma língua que é mais conhecida. Crioulo eu gosto muito também eu acho, ahh, eu acho que poderia ter, ahh, a nossa língua mat... por ter muitos países que falam muitas línguas, por exemplo Suíça, ahh também ahh e Canadá, eu acho que podia, poderia simplesmente termos, ahh duas línguas oficiais, mas, ahh, o português eu acho que é, não que eu esteja, acho que é mais importante para nós, porque faz nos... faz uma ligação entre Cabo Verde, Brasil e Cabo Verde, Portugal e... Cabo Verde com muitos outros países, enquanto crioulo acho é falado apenas em Cabo Verde, Guiné-Bissau, é isso.

Segunda entrevista: COLABORADOR 02 – 9m25s

Eu sou o Wilson, tenho 19 anos, eu estudo CT3 12º, e eu moro em Assomada, especificamente em Chã de Tanque, e nas horas vagas eu gostaria muito de jogar a bola, como um amante de futebol, e ver os filmes, jogar Playstation, e acho que é só.

P: Os lugares que você me aconselha a visitar como turista?

Ahh e, lugares, e a ilha, a ilha de Maio, a ilha das flores que é conhecido como a ilha das flores é muito bonito, também e Fogo, e Sal, e a ilha das turistas com uma bela praia, e também Boa Vista, e aqui na Santiago, Serra Malagueta como uma parque natural, e Monte de Tchota, sei lá, e também Chã de Tanque a um museu de cultura e por exemplo muita escultura, aspectos culturais e acho que é só o que eu conheço.

Bom, eu adoro muito, muito a música caboverdianas também é minha música, né? mas acho eu que as músicas antigas, entre aspas, é as músicas antigas é de Cabo Verde pra mim são mais bonitas, mais bem cantada, mais bem reproduzida, eee agora tudo é com moderação, o mundo desenvolve, e, é uma música... Cabo Verde tem uma cultura musical muito rico, mistura de vários países, eee a vários gêneros musical em Cabo Verde, cada um...

Nelson Freitas, ee Gil Semedo, e Djodjie, e Helio Batalha, e também

Meu preferido, éé, um que mais me encantou foi Assalto Perfeito e Amor

Impossível. Ee, Assalto ee Assalto Perfeito, é o meu filme, tipo... pronto eu gostei dos gestos, dos éé dos personagens, porque chama muita atenção da sociedade, hoje em dia a sociedade tá muito (trecho incompreensível) jovens tá muito influenciados com esses filmes eles, éé, nos ensinam a tomar mais cuidado com o que é nosso e também que não devemos roubar eu, as coisas das outras pessoas, porque não é digno não é bom, ee também Amor Impossível impossible éé são as coisas do sentimento.

P: O que é que fala esse filme? Conta a história de que?

E: Ahh, filme, éé a história de que um ator, ééé, já esqueci o nome, ééé ele faz tudo, tudo, mas tudo para uma pessoa, para uma madame, mas ee, tipo, ele faz todos os aspectos para conseguir aquela, ee aquela menina, mas só que ele não fala diretamente com ela, e assim depois, ee eles estudavam também na mesma escola e ficando sempre preocupava mais com a vida da miúda do que dele. Preocupava em ensinar a miúda por ser mais inteligente, isso mais aquilo, não precisa (trecho incompreensível) da sua vida e por fim era um filme também, tipo es sta falaba tudu ta disívolvel sobre novas tecnologias, e por fim foi ele que conseguiu criar uma programa de computador e depois e foi roubado, mas não, eee m... eee a pessoa que roubou a programa não conseguia desbloquear, porque havia uma palavra passe. Afinal das contas, ele descobriu que a palavra passe era o nome da menina, porque ele, ee ele, ee quando eles, ee, descobriam que, éé que o programa era dele, depois procurou que agora, éé desbloqueado ele adicionou o nome da menina que era a palavra passe. A partir daí, que a menina começou a tomar consciência que realmente... Sim, eles ficam juntos, ééé eles ficam juntos, ee tipo foi muito fixe.

Eu amo esse Liceu, mas do que tudo foi aqui que eu encontrei todos, todos, aprendi a falar, aprendi a escrever, aprendi todos e também, ee foi aqui que, que tudo aconteceu, entre aspas. Também é excelente Liceu, como nós também temos excelentes alunos como excelentes professores, éé só que alguns aspectos que tipo negativos éé não há matérias adequados para trabalho aqui, tipo não existe laboratório adequado, nem um biblioteca também, acho que precisa abrir mais moderações, ee a casa de banho também é o que mais me incomoda nesse Liceu, é só.

Bom, ééé eu não sei pra dizer claro eu amo o português, ééé, alias eu amo o crioulo, porque eu passo o dia inteiro falando crioulo com os meus amigos, os meus colegas, é só na sala de aula que nós falamos, ééé português. Não é também totalmente exigido falar português na sala aula, ééé pronto, ee eu gosto muito de crioulo, e foi a primeira língua que eu aprendi a falar, e também o português é muito bom, porque éé muito mais bem falado do que o crioulo. Crioulo é pouco falado, na Cabo Verde, Guiné

e poucos países e com pouco número de populações e português é mais amplo é uma língua mais ampla do que o crioulo. O crioulo, sei lá, mas acho que não é conhecido pelo mundo, é português nos ajuda muito, porque em qualquer fonte que nós procuramos para estudar é o português, é o português, crioulo não existe, e também facilita na escrita muito mais que o crioulo, já não sei.

Terceira entrevista: COLABORADOR 03 - 1m08s

Chamo-me Wiliam, tenho 17 anos e quando terminar no Liceu quero fazer um curso de direito, exercer por essa área mesmo. Agora pra você ir aqui em Cabo Verde, mais propriamente na ilha de Santiago, recomendo a Cidade Velha que é muito... tem muitas coisas que posso te indicar na cultura de Cabo Verde mesmo.

Nas horas vagas, tirando a hora do estudo, eu jogo futebol mesmo, praticamente (trecho incompreensível) e vídeo game.

Praticamente as antigas agora já é pouco ouvido, né? Agora já tem títulos que substituem praticamente.

Quarta entrevista: COLABORADOR 04 – 2m35s

Oi, tudo bem. Chamo-me Adisa, e estudo no Liceu Amílcar Cabral e eu quero ser... quando eu terminar es... quando eu sair daqui eu quero fazer formação de polícia e lugar que mais gosto de ir é na Praia (capital), passear com os amigos.

Sim, filmes, telenovelas, desenho animado também.

P: Qual o filme que você mais gostou de assistir?

E: De Zumbi, ya.

P: Qual a história desse filme?

E: E, as pessoas que come os outros.

P: Me fale um pouco do filme, a história mesmo.

E: Assim, tipo, na história, assim. Vários turistas vão para o mato, assim, visitar e aí eles encontram zumbi lá, depois, e tentam fugir, mas só um atriz e autor que escapa, mas os outros todos vão ser comidos lá...

P: Pelos zumbis?

E: Sim

P: E se transformam em zumbi também?

E: Ah? Sim, sim outros transformam, depois aqueles que sobreviveram vão matar eles.

P: Você gosta de ler livro?

E: Não

P: Você é a favor ou contra a oficialização do português aqui no seu país?

E: Ééé, favor.

P: Porque?

E: É porque a gente vai aprender outros línguas que não só o crioulo, mas a gente vai aprender outros língua que nem outros países.

P: O que você acha daqui do Liceu?

E: ahh, super legal, e desde sempre eu estudo aqui, não estudo exatamente em outra escola, e sempre... bom lugar venho aqui com meus colegas e outras pessoas, gosto muito daqui e da cantina também (risos).

P: O que você mais gosta de comer na cantina?

E: ahh pão

P: O que?

E: é pão.

Quinta entrevista: COLABORADOR O5 – 5m21s

Entrevista inutilizada devido à qualidade do áudio

Sexta entrevista: COLABORADOR O6 – 16m56s

Meu nome é Emile Taís, tenho 16 anos, daqui a pouco vou completar 17 no 12 de março e estudo no 11° ano na turma humanística 3 e meu... meu maior sonho é ser professora de inglês, ah e esse sonho surgiu assim meramente assim, no 7° ano primeira vez que tive a disciplina inglês com a professora Nanci foi ela que me motivou a isso.

O que eu mais gosto de fazer é ler, ler é uma das minhas questões. Gosto de ler, tipo, romance é romance, o que mais gostei de ler foi Crepúsculo, também já assisti filme sobre isso. E também vampiros, gosto muito de vampiros que retratam, assim, histórias reais sim, uma vez que (1m30s ???)... uma menina que se auto mutilava, se cortava os pulsos aí ela conhece um rapaz, apaixonou, como ele é.... também gosto de assistir filmes também e gosto de ler na wetped, uma aplicação viciante também, e é isso.

Eu considero uma pessoa fixe, também tenho muitas ambições. Minha maior ambição é estudar, ee, para conseguir realizar meus anseios profissionais e também pessoais.

E, o Jardim Botânico e fica em São Jorge e tem muitas espécies de plantas

exóticas.... e Cidade Velha e o centro histórico, e escravos... não sei se você sabe, mas nós somos descendentes de escravos... Tarrafal, e também a Praia dos Amores, em Calheta, é isso considero os pontos mais turísticos de Santiago.

P: Qual foi o último filme que você gostou de assistir? E me conte um pouco a história dele.

E: Ah, xô ver e, Crepúsculo já assisti muitas vezes, também, já assisti também Diário de uma Retaliação e e Redeblock e também seu líder chama-se Duk, juntamente com seus parceiros Flinton e Snaicais com Lire Jack bom, eles são tipo eee, é da Interpol eles são contratados por um falso presidente e que é contratado por um senhor que chama comandante Cobra, mas ele vão pra prisão juntamente com e, seu cúmplice e.. mo k tchoma, não sei, ma está resgatado por um rapaz que tchoma Stoni Cheron, aí es kre, e eles querem dominar o mundo sendo que supos... só eles querem, e nuclear as nalcas (4m50s?), e eles chamam, e eles aprisionaram e o presidente e Chtain Cho, uma das lições e eles, e foram bombardeados e aí morreram seu capitão Duk. Duk barlente e seu comandante de Block ele era um grande amigo, então daí ficam os três. Daí descobrem que foi como encomenda que e, programou aquele ataque, e então foi marcado, o falso presidente marcou o e um tipo uma (trecho incompreensível) junta nacional com todos os líderes internacionais, onde eles vão (trecho incompreensível) e, e saltar todos os mísseis, tipo o que acontece na Coreia do Norte.. então e quando o comandante chega e o Chain Cho também, mas eu não gosto muito dessa história, me lembra....

P: Então qual foi o livro que você mais gostou de ler?

E: Ah o livro que eu mais gostei de ler foi crepúsculo.

P: Conta a história de que?

E: Crepúsculo, começa assim, Bela e ela mora com sua mãe na Flórida. Flórida é um país que tem muito sol. Chega a Foxx e na Washiton e na EUA, e pra morar com seu pai. O pai e, ela ficou incomodado, porque não teve muito contacto com o pai. O pai ele... ela pensou quando pisou em Foxx pensou que essa era a distância da sua vida. O pai que ela não sabia, que sabia tomar um hambúrguer... e ela conhece seu antigo amigo Jacob, que o pai dele, o Bill é amigo do pai de... Charlie que é o delegado da cidade. Então chega na escola, aí depara-se com muitos olhares curiosos, uma das falsas amigas, digamos assim, é a Jessica, Jessica Stone, daí elas ficaram amigas e também conheceu o Jack, outros amigos também e a Ângela, o Ben e foram... e foi lá na cantina que depararam com um grupo estranho, porque eram totalmente diferente e todos iguais ao mesmo tempo, isso porque eles eram vampiros. E ela ficou com os... é isso, porque ela considera-se

devastadoramente lindos. Aí, chegando na sala de aula de biologia, encontra-se o Eduard Culler... O primeiro contato com a Bela ele foi muito hostil, mas o Crepúsculo que eu estou a contar é na visão de Bela, na de Eduard ma kel sangue, desculpe se falo crioulo, aquele sangue de Bela é muito atrativo como algo doce, ou florestal, ou algo parecido. Daí, Bela pensa que o Eduard não gosta dela e tudo mais, mas na segunda opção e ele, e diz a ela que já cansou de tentar protege-la, daí vai ser o que vinher, então começam uma improvável amizade, daí ela já estava apaixonada e no livro, no epílogo parece, o primeiro ponto que aparece é a primeira vista, que a Bela se apaixonou é a primeira vista. Um dia Eduard resolve mostrar a ela e o que ela realmente é ele vão, eles vão para uma... onde tem muitas árvores, flores e ele entra no sol. Segundo Bela, e ela disse que a e a clareira que segundo... parecia Bela ela foi em...